



FRAGMENTO OU REMANESCENTE?

Camila Conte Bresolin¹

Fernando Eckhardt Valle¹; Alcides Ricieri Rinaldi¹; Flávia Heloísa Rodriguez¹; Jackeline Franzes Possamai¹; Bárbara Torriani¹

¹Laboratório de Ecologia e Conservação de Mamíferos, Faculdade Anglo - Americano, camilabresolin@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A perda da biodiversidade e a destruição das florestas nos últimos séculos fizeram com que os estudos biológicos se concentrassem apenas nas áreas restantes de floresta, hoje entremeadas, principalmente, por diferentes matrizes agrícolas, porém resguardando, ou não, aspectos semelhantes da estrutura de vegetação do que anteriormente foi floresta contínua. Este processo, ligado diretamente a ação antrópica, é chamado de fragmentação florestal ou fragmentação de hábitat (Primack & Rodrigues, 2001). Frente a este cenário, Kageyama *et al.*, . (1998) comentam que uma pequena parte de floresta não é o suficiente para se mensurar o total da diversidade de espécies arbóreas características do que anteriormente era uma floresta contínua. Entretanto, o estudo das modificações na composição da fauna e flora dos fragmentos de mata, após o isolamento, é de grande importância para a adoção de critérios confiáveis para o estabelecimento de parques e reservas biológicas (Morato & Campos 2000). Estas enquadram - se em diferentes fisionomias de floresta que recebem distintas classificações (Ex: Rizzini, 1997; Ab'saber, 2003). Porém, várias classificações disponíveis criam ambiguidade e podem expressar diferentes resultados indevidamente. Nomenclaturas diversas são utilizadas em trabalhos científicos de forma a nomear as áreas de mata restantes. Frequentemente, emprega - se a nomenclatura “fragmento” ou “remanescente”, todavia, não há uma concordância quanto ao significado destes dois termos e quando deve - se utilizar a palavra mais adequada para cada situação. Poucos são os trabalhos que se preocupam com a semântica das palavras de língua portuguesa, corriqueiras à literatura científica biológica (Ex: Straube, 2005), sendo que tais

análises semânticas seriam de grande valia para estudos de conservação (Zaú, 1998), de forma a padronizar a compreensão dos textos científicos. Neste contexto é comum dentro de textos científicos biológicos a utilização de sinônimos para se referir a estas partes de floresta de forma que os termos “fragmento” e “remanescente” são os mais comumente utilizados. Porém, analisando - se semanticamente estas palavras e relacionando com o contexto biológico e de conservação, observou - se que seus significados podem trazer interpretações errôneas mediante uma análise mais criteriosa. Este trabalho analisou semanticamente e epistemologicamente as palavras “fragmento” e “remanescente”, de forma a relatar um padrão de significado para futuras publicações ligado as áreas da biologia.

OBJETIVOS

Discutir qual a melhor posição sintática para utilização dos termos “fragmento” e “remanescente” em textos ligados à área biológica.

MATERIAL E MÉTODOS

Realizou - se uma análise semântica bibliográfica, das nomenclaturas em questão, baseado nos significados para a língua portuguesa moderna, buscando na literatura especializada as diferentes definições do significado dos termos, principalmente nos dicionários mais atualizados relativos a língua portuguesa. Buscou - se, ainda, a epistemologia das palavras da forma latina para a do português moderno. Relacionaram - se, então, os significados encontrados com o estágio sucessional da vegetação das áreas dos estudos.

RESULTADOS

Fragmento vem do latim *fragmentu* (Ferreira 2009) ou ainda *fragmentum* (Fernandes *et al.*, 2003). Conforme especificado por Bivar (1949) e Fernandes *et al.*, (2003), o significado de fragmento é tudo aquilo que sobra, pedaço de algo que foi dividido, já remanescente é o que remanesce, aquilo que resta ou sobeja, o que sobra de um todo depois de tirada uma ou mais porções. Traçando um paralelo com a fragmentação de hábitat, propõe - se que toda área que sofreu corte raso, tendo sua composição florística primária alterada, caracteriza - se como sendo um fragmento, estes, portanto, apresentam - se no estágio sucessional secundário e estão ligados a áreas de transição com outros ambientes florestais. Remanescente, no entanto, apresenta - se como sendo o que sobrou de uma área que não sofreu corte raso, é uma área em sucessão avançada, mantendo - se muito próxima das características naturais do bioma ao qual pertence. Os termos “fragmento” e “remanescente”, ainda são amplamente utilizados na bibliografia como termos sinônimos, apesar de terem significados diferentes no que tange principalmente à estrutura fitofisionômica do que restou do bioma em que determinada área está inserida. Uma vez que o significado para remanescente afirma que é “o que sobra de um todo depois de tirada de uma ou mais porções” (Bivar, 1949; Fernandes *et al.*, 2003), no contexto do processo de fragmentação de hábitat isto denota como uma área que resguarda grande parte das características originais do que define aquela fisionomia vegetal, já para fragmento, os significados encontrados quando relacionados com a fragmentação de hábitat denotam o sentido de alguma área que resguarda recursos florestais, porém encontra - se totalmente desfigurada quanto às suas características originais. Discussões teóricas como estas objetivam padronizar as nomenclaturas destes termos, de modo a esclarecer, de maneira precisa, quando eles devem ser empregados.

CONCLUSÃO

Através desta análise gramatical, pode - se observar que apesar dos termos soarem, sintaticamente, como sinônimos, quando trazidos para a epistemologia da escrita científica em língua portuguesa, possuem sentidos diferentes, assim propôs - se uma padronização para sua utilização em textos científicos de modo a criar uma uniformidade em futuras análises ecológicas.

REFERÊNCIAS

- Ab'saber, A. N. 2003. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. *Ateliê Editorial*. São Paulo. 159 pp.
- Bivar, A. 1949. Dicionário geral e analógico da Língua Portuguesa Volume I. *Ouro L.D.A.* Porto. 467 pp.
- Fernandes, F., Luft, C. P. & Guimarães, F. M. 2003. Dicionário Brasileiro Globo, 56^a ed. *Editora Globo*. São Paulo. 1457 pp.
- Ferreira, A. B. H. 2009. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 4^a ed. *Editora Positivo*. Curitiba. 2120 pp.
- Kageyama, P. Y., Gandara, F. B. & Souza, L. M. I. 1998. Consequências genéticas da fragmentação sobre populações de espécies arbóreas. *Série Técnica IPEF*. 12: 65 - 70.
- Morato, E. F. & Campos, L. A. O. C. 2000. Efeitos da fragmentação florestal sobre vespas e abelhas solitárias em uma área da Amazônia Central. *Revista Brasileira de Zoologia*. 17: 429 - 444.
- Primack, R. B. & Rodrigues, E. 2001. Biologia da Conservação, 9^a ed. *Editora Planta*. Londrina. 327 pp.
- Rizzini, C. T. 1997. Tratado de Fitogeografia do Brasil, 2^a ed. *Cultural Edições LTDA*. Rio de Janeiro. 747 pp.
- Straube, F. C. 2005. *Mata ou Floresta? Atualidades Ornitológicas*. 128: 29 - 33.
- Zaú, A. S. 1998. Fragmentação da Mata Atlântica: aspectos teóricos. *Floresta e Ambiente*. 5: 160 - 170.